

CINEMA, EXCLUSÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES E SIGNIFICADOS MEDIADOS POR FILMES HISTÓRICOS SOBRE OS LUGARES SOCIAIS DAS MULHERES E A EDUCAÇÃO FEMININA ENTRE OS JOVENS ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wandela Jheny Diniz Sinézio

Universidade Estadual da Paraíba- wandelajheny@gmail.com

Orientadora: Senyra Martins Cavalcanti

Universidade Estadual da Paraíba- cinematografouepb@gmail.com

Resumo

A posição social das mulheres, no século XVIII e início do século XIX nos traz reflexões a respeito das injustiças vivenciadas pelo sexo feminino à época. Os filmes históricos se tornam uma ferramenta indispensável para análise deste cenário, na medida em que apontam para condições sócio-político-econômicas neles retratados. Destarte, buscamos identificar e analisar como os jovens estudantes do ensino fundamental, especificamente do 9º ano da Escola Municipal Olímpia Souto, na cidade de Esperança-PB, constroem representações e significados, mediados por filmes históricos, sobre os lugares sociais das mulheres e a educação feminina do final do século XVIII e início do século XIX. Com base nos três filmes adaptados das obras de Jane Austen: Razão e sensibilidade (dir. Ang Lee, 1995); Persuasão (dir. Roger Michell, 1995) e Orgulho e preconceito (dir. Joe Wright, 2005). Os objetivos específicos são: compreender como os jovens articulam as representações sociais sobre os lugares sociais das mulheres; analisar como os jovens identificam a verdade na história, a partir da comparação que estabelecem entre as narrativas historiográficas e as fílmicas sobre a educação feminina; e conhecer como os jovens organizam a sua consciência histórica em relação ao passado, presente e futuro através das temáticas femininas veiculadas nos filmes exibidos. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de caráter qualitativo, com roteiros de entrevistas, revisões bibliográficas, edição dos filmes para apresentação, identificação da escola e do grupo focal de nove (9) alunos para coleta de dados. Como suporte teórico, trabalhamos com o conceito de representação, de Chartier (1991); ensino da história e consciência histórica, em Cerri (2011); consciência histórica, em Rüsen (2010a, 2010b); o filme como transmissor da história, em Rosenstone (2010); o filme como representação da realidade, em Logny (2009); os excluídos da história e História da vida privada em Perrot, (1988; 2009). Os resultados da pesquisa apontaram para o preconceito de gênero e exclusão, entre os jovens, revelando representações e sentidos em relação ao ser mulher e ao ser homem do século XIX, perpassando pelo século XXI; como também trazem a importância da utilização de filmes históricos em sala de aula, visto que, proporcionou aos alunos a construção de um conhecimento histórico sobre o tema abordado. As conclusões alcançadas apontam que, para os jovens, qualquer narrativa é verdadeira, seja historiográfica ou fílmica, considerando verdades históricas os conteúdos abordados nos filmes; e que os filmes os ajudaram a adquirir conhecimentos, afirmando terem conhecido a história da vida das mulheres do século XIX, através das narrativas fílmicas, e encontrarem na temática os lugares sociais das mulheres e a educação feminina, sendo abordada a relação entre passado, presente e futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Consciência histórica; Lugares Sociais.

Introdução

Durante muito tempo, as mulheres enfrentaram barreiras em seu modo de viver, eram submetidas a obedecer aquilo que o marido ou a sociedade

estabeleciam. Segundo Perrot (2009), o Estado defendia a total dependência das mulheres e dos filhos como garantia da obediência constante dos povos. “A vida privada imprime sua marca na vida pública; a família é o princípio do Estado” (PERROT, 2009, p. 85). Cabia somente ao homem o total poder sobre as mulheres e sobre seus filhos, deixando-os limitados a exercer quaisquer papéis relacionados ao espaço público.

A educação das mulheres também era limitada, durante muito tempo, foi voltada apenas à aspectos domésticos. Perrot (1988 apud SINÉZIO, 2014) assinala que o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa da divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços: “Ao homem, a madeira, os metais. À mulher, a família e os tecidos”, declara um delegado operário da exposição mundial de 1867. E quando ingressada no mercado de trabalho, a educação das mulheres era voltada apenas para a execução de seu trabalho.

A partir das lutas das mulheres em seus próprios movimentos, configurou-se a preocupação com a conquista de direitos e da cidadania, bem como a atuação feminina em diferentes contextos. A situação foi denunciada pelas mulheres e então passou a ser considerada como construção injusta, como preconceito de gênero. “As mulheres eram chamadas para se inserirem em profissões que previamente as havia excluído ou subutilizado” (SCOTT, 2011, p. 71). Contudo, ainda hoje, são estabelecidos estereótipos em relação ao ser mulher.

O lugar social da mulher no século XVIII e início do século XIX nos faz pensar que essa época foi de injustiça contra o feminino e que os filmes adaptados das obras de Jane Austen se tornam uma ferramenta valiosa, devido ao fato de a autora retratar em suas obras ações e comportamentos das personagens diante de seus dilemas nesse mesmo século.

Os filmes históricos, quando usados como fonte da História, se tornam uma ferramenta indispensável para o estudo de determinadas obras, na medida em que apontam para as condições sócio-político-econômicas neles retratados. Assim, o cinema foi escolhido por se tratar de uma fonte da História. “Toda produção fílmica pode desempenhar o papel de fonte para a pesquisa histórica [...]” (LOGNY, 2009, p. 115).

Consideramos, também as argumentações de Rüsen (2010b) de que a arte é uma articulação do superávit intencional próprio à vida humana prática, que abrange espaços de articulação de constituição de sentidos que vão além do horizonte experiencial da consciência histórica. A arte (filme) pode gerar constituições de sentidos a respeito da vida

atual do ser humano e do que realmente ocorreu. Dessa forma, o cinema se torna uma mera fonte da história para esse estudo.

Metodologia

A presente pesquisa é do tipo descritiva, de caráter qualitativo. Para coletar os dados qualitativos, foi utilizada a técnica de entrevista, com roteiro aberto e flexível. O roteiro foi elaborado levando em consideração todos os objetivos propostos da pesquisa.

Buscamos a Escola para desenvolver a pesquisa. Após visitas à Secretaria de Educação, conseguimos autorização para que pudéssemos desenvolver a pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olímpia Souto, em Esperança-PB.

A entrevista foi feita com grupo focal de nove (9) jovens, na faixa etária entre 15 e 16 anos, estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Olímpia Souto, na Cidade de Esperança-PB. Antes da execução do projeto, as mídias dos três (3) filmes adaptados das obras de Jane Austen, foram editados com a ajuda de um profissional, considerando a limitação do tempo de aula e os objetivos propostos pelo projeto, com o intuito de não haver desvio do tema.

Os filmes escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa foram: *Razão e sensibilidade*, direção de Ang Lee, 1995; *Persuasão*, sob a direção de Roger Michell, 1995; e *Orgulho e preconceito*, dirigido por Joe Wright, 2005. Os filmes são adaptações para o cinema das obras da escritora Jane Austen.

Após a coleta de dados, toda a entrevista foi transcrita e foi identificada cada parte da pesquisa com pseudônimos atribuídos aos alunos. Utilizada a análise textual discursiva, e a discussão das respostas dos jovens foi fundamentada.

Análise dos resultados obtidos

Com a finalidade de compreender as representações e os significados que os alunos do 9º ano do ensino fundamental, na cidade de Esperança-PB, fazem sobre os lugares sociais das mulheres, a educação feminina, através dos filmes que adaptam a obra da autora Jane Austen, serão apontadas, primeiramente, alguns fragmentos das entrevistas, com perguntas e respostas dos participantes, no momento em que os alunos foram questionados sobre a educação das mulheres e dos homens na sociedade inglesa do início do século XIX.

Aí, vocês não viram nenhuma escola no filme, não foi? Aí, eu pergunto a vocês, como é que as mulheres do século XIX se educavam?, perguntei.
Em casa, disse Tomás de 15 anos.
Por que em casa? Perguntei.
Se não tinha escola, elas tinha[m] que se educar em casa. A mãe ensina... os pais...
Hoje em dia, como é a educação das mulheres?, insisti no tema.
Agora tem escola. Mesmo assim, ainda tem que fazer as coisas de casa, a educação em casa, ponderou Tomás (Informação verbal).

É conveniente destacar, nos trechos, o quanto um dos entrevistados considera que a educação das mulheres no século XIX está voltada a aspectos domésticos, ou seja, o ser mulher sendo representada como uma dona de casa. Isso porque, conforme Perrot (2009), desde o começo do século XIX, as escolas que foram fundadas formavam apenas rapazes, dando-lhes o nome de “capitães de indústria”, e “as moças, por sua vez, eram sempre educadas em casa”. Destacamos também que, para o jovem, a mulher do século XIX e a mulher do século XXI são vistas da mesma forma; que, apesar da oportunidade de estudar, ainda “tem que fazer as coisas de casa”.

Sabemos que as mulheres têm avançado bastante, como ser Presidente da República. Ao questionar os alunos a respeito de a mulher do século XXI ser Presidente da República, a entrevistada Viviane afirmou que antes as mulheres eram excluídas do meio social:

Vocês acham que as mulheres dos filmes conseguiriam tal privilégio de ser presidente?, perguntei.
Não! Afirmou Viviane, de 14 anos. – Elas eram muito excluídas desse meio social, porque naquele tempo quem era mais social..., negócio de dinheiro, era[m] mais os homens, as mulheres tinham que cuidar da casa e dos filhos (Informação verbal).

Fazendo um paralelo entre a fala de Tomás e a de Viviane, observamos que ambos veem a mulher investida do poder de ser mãe e esposa, ou seja, a mulher do século XIX, sendo representada como um ser excluído, incapaz. Chartier (1991, p. 184) diz que a representação “é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.” Assim, recorreremos aqui à representação que um dos alunos fez a respeito do ser homem: para Tomás, o homem deveria administrar o dinheiro; e às mulheres, não cabiam tais práticas.

Os homens tinham direito a ficar com a herança e as mulheres não, porque eles sabiam administrar melhor do que as mulheres, afirmou Viviane (Informação verbal).

Nesse depoimento, percebemos a imposição de um processo de socialização diferenciado às mulheres, que desde a sua infância, são estimuladas a serem passivas, acuadas, “sem ganhar o mundo”. Os meninos, pelo contrário, ganham vantagens no mundo, só por serem homens, vivem na rua, jogam bola, são incentivados a serem fortes independentes, livres, valentes.

Para vocês, as mulheres casadas, hoje, têm todos os direitos?
Nem todas, asseverou Viviane.
Depende do marido, se for um cara “sangue no olho”, né? Tem que pegar uma mulher também “sangue no olho”, né?, assegurou Tomás
Você, futuramente, vai casar... acho... você vai deixar sua mulher estudar, trabalhar? - persisti no tema.
Claro, né? Não vou privá-la de nada, afirmou Tomás (Informação verbal).

Percebe-se, na fala do entrevistado, que o homem é representado como um ser forte, com “sangue no olho”, mas se considerou que as mulheres mudaram, que hoje existem mulheres corajosas também. Porém, quando questionado se, “no século XIX, ele iria deixar a mulher trabalhar?”, o aluno argumentou que não deixaria por causa da geração. Nesse contexto, podemos perceber o quanto o aluno se situou no passado, no modo de ser, de conviver com as pessoas daquela época. A resposta dele apontou para a ideia da cultura, o ser humano agindo de acordo com o comportamento coletivo, visto que, naquela época, à mulher casada não cabia o trabalho. Percebemos a consciência do aluno ao perceber que as coisas, de certa forma, se modificam/modificaram com o passar o tempo, ao trazer para o presente uma realidade não vivida por ele e diferente da dele.

Segundo Rüssen, é difícil investigar um objeto de pesquisa sobre a consciência histórica, visto que se deve refletir sobre como atingir o objeto, por se tratar de fatores mentais. O autor ainda ressalta que a consciência histórica produz uma estrutura unificada de pensamento adequado ao relacionamento dos sujeitos com a História. Segundo ele, o nome para essa estrutura é “narrativa. [...] a narrativa oferece uma saída, em termos de recorte empírico, para a pesquisa da consciência histórica, porque é um dos produtos que resultam de sua produção de sentido” (RÜSSEN, 2001b apud CERRI, 2011, p.49).

Partindo dos pressupostos de que o filme é uma narrativa e de que os filmes apresentados aos alunos são narrativas que retratam fatos reais, busca-se compreender a consciência histórica dos alunos e o significado que eles atribuem às histórias do filme, no contexto da relação do passado com o presente. Sendo assim, foi lhes perguntado: “Por que alguns homens falam mal das mulheres?”. Um dos jovens afirmou que as mulheres são discriminadas porque, no princípio, “a mulher incentivou o

homem a comer a maçã, por causa disso ficou com essa fama...” (Informação verbal). Complementou Tomás, a mulher é “excluída da sociedade...” (Informação verbal). “É sempre assim o negócio do dia a dia, a mulher tá dirigindo o carro, né... Aí passa a marcha errada, aí de repente o homem pega e diz, só podia ser mulher mesmo!” (Informação verbal).

É interessante destacar, nos fragmentos acima, que os entrevistados conseguiram relacionar o passado com coisas do dia a dia, ou seja, para eles, há o preconceito contra a mulher devido a um passado que ficou marcado, a história do livro bíblico *Gênese*, isto é, a mulher hoje é vista com maus olhos por conta de uma história que não a favoreceu.

A história é uma tradução do passado ao presente, uma interpretação da realidade passada via uma concepção da mudança temporal que abarca o passado, o presente e a expectativa de acontecimentos futuros (RÜSSEN, 2001b apud CERRI, 2011, p. 120).

Outra percepção do processo histórico é explicada pela fala da aluna Viviane. Segundo ela, sua mãe não teve oportunidade de estudar e hoje a aconselha a estudar. Aqui, podemos verificar a relação que a mãe faz do passado com o presente e percebemos que ela compreende a mudança temporal, pois hoje as mulheres têm mais oportunidades.

Em relação à educação das mulheres, percebemos que alguns alunos consideraram a mulher do século XIX um ser “pobre”, que deveria se casar para conseguir recursos para ela e a família. Segundo o entrevistado Tomás: “As mulheres tinham que casar com pessoas mais ricas para obter recursos para ela e para família dela”. A entrevistada Viviane se manifestou afirmando que, às mulheres, cabia a palavra se elas tivessem dinheiro e também se soubessem tocar piano, “ser prendada”. É interessante que, para ambos, as estratégias educativas das mulheres eram voltadas apenas para elas conseguirem casamento. De fato, “as habilidades desejáveis para uma moça da época estavam relacionadas basicamente aos conhecimentos que poderiam ser empregados na esfera familiar mesmo”. (ZARDINI, 2013, p. 3).

Quando os jovens foram questionados a respeito da verdade na História, a partir da comparação feitas por eles entre as narrativas historiográficas abordadas na escola e as narrativas fílmicas sobre a educação das mulheres, Tomás afirmou que tanto o livro como o filme são verdadeiros, porque ambos relatam quase a mesma coisa e que os filmes ajudaram a adquirirem conhecimentos, visto que afirmou ter conhecido um pouco a história da vida das mulheres do século XIX através dos filmes.

Representou o que, para vocês, esse pouco que foi mostrado? (os filmes)
Que elas não tinham direitos iguais aos homens, a questão que ela tinha que casar para obter recursos para ela e a família... argumentou Tomás.
Para obter um futuro garantido... ponderou Viviane.
Porque elas não tinham futuro garantido, porque elas não podiam trabalhar. Não podiam se sustentar... disse Túlio.
Por causa da herança também, que elas não ficavam com a herança, quem ficava era [m] o filho ou o sobrinho mais próximo do pai, o herdeiro, pronunciou Tomás (Informação verbal).

Dentre as abordagens acima, feitas pelos alunos, verificamos o quanto os alunos se expressaram a respeito das mulheres do século XIX. Nesse âmbito, podemos dizer que os filmes históricos utilizados como recursos didáticos contribuem de certa forma na construção de um conhecimento histórico do aluno sobre os mais diversos temas. Como afirma Rosenstone (2010), o cinema não se limitou apenas na capacidade de nos fazer ver o passado. “[...] Um filme pode infundir em um povo, em uma noite, tanta verdade histórica quanto muitos meses de estudo” (SILVA, 1971, p. 98 apud ROSENSTONE, 2010, p. 280). Assim, percebemos que o cinema consegue despertar nos alunos conhecimentos novos de uma época que eles não viveram.

As imagens a seguir foram apresentadas aos alunos no momento da entrevista. Foi lhes pedido para comparar as duas personagens femininas e, se possível, argumentar a respeito das expectativas que elas poderiam ter em relação aos seus espaços perante a sociedade.

Imagem 3- Mulher com roupa sexy



Fonte: Meu estilo (2015) <http://osteletubbies.blogspot.com.br/2012/04/relembre-as-famosas-que-ja-pagaram.html>

Imagem 4- Cantora famosa com roupa sexy



Fonte: Blog do Chan. (2015) <http://genaroblog.blogspot.com.br/2012/07/famosas-com-cintura-fina.html>

Sabe-se que as mulheres são geralmente excluídas e, quando retratadas, são estereotipadas por raça, posição econômica, condição social, etc. Percebemos, então, que a partir das observações feitas pelos jovens da Imagem 3 e da Imagem 4, eles indicaram concepções diferenciadas a respeito das mulheres do século XXI. Segundo eles, ambas as mulheres, nas imagens acima têm estilos diferentes.

Se vocês vissem uma mulher dessas na rua, vocês iam dizer o que dela?, perguntei.

Que ela era vulgar... *Tá* se exibindo demais! Extravagante... A outra é comportada, argumentou Viviane.

Que ela é comportada?! Mas elas estão com vestido do mesmo tamanho..., mesmo modelo, não? Gente! Vocês estão vendo o que vocês estão me dizendo?

Tão! – expressou a turma.

Nooossa! Vocês estão me dizendo que o corpo influencia... E o que mais influencia?

A fama, o dinheiro, essas coisas – asseverou Tomás (Informação verbal).

A mulher da segunda imagem é uma cantora famosa; e a mulher da primeira imagem, os alunos não conheciam. Percebe-se, nas falas dos

jovens, que eles representaram a mulher famosa, que eles conheciam, como uma mulher rica, “elegante”, “chamativa”, “reconhecida”, “cultura”, “mais rara”. A outra mulher, os alunos chamaram de “periguete”, “galinha”. Nesse âmbito, podemos considerar que, para os jovens, a mulher “pobre” e “gorda” não tem valor, é mal falada. Os jovens também fizeram a comparação com as mulheres dos filmes exibidos: segundo eles, as mulheres dos filmes são mais formais do que as mulheres de hoje, no seu modo de se vestir:

Vamos lá fazer uma comparação: as mulheres de antigamente com as mulheres de hoje, isso influencia muito a vida da gente?

Influencia!, disse Tomás.

Vamos supor, estamos no Brasil e se as mulheres do filme viessem para cá conviver com a gente, os povos iam dizer o que delas e o que da gente?

Na verdade, iam perguntar se *estava*[m] com calor... é muita roupa que *tá* usando, pronunciou Tomás (Informação verbal).

Aqui podemos considerar que a resposta do jovem diz respeito às vestes. Ele analisou que, dependendo das roupas que as mulheres usam, elas serão mais elegantes. Porém não podemos desconsiderar que, diante das imagens acima, para os jovens, o que distingue uma mulher da outra é a condição financeira que ela tem. Se a mulher tem dinheiro, será considerada uma “dama”. Aqui, podemos pautar a questão do preconceito, visto que o jovem considerou que a mulher só tem valor se tiver dinheiro.

Considerações finais

Em resumo da presente pesquisa, concluímos a relevância de os professores utilizarem o filme como recurso didático em sala de aula, visto que os jovens da Educação Básica que formaram o grupo focal da pesquisa, afirmaram ter conhecido um pouco a história da vida das mulheres do século XIX, através dos filmes exibidos, consideraram que os filmes possuem credibilidade e que através deles podemos aprender muito sobre várias temáticas.

Através das narrativas fílmicas, os jovens também encontraram na temática os lugares sociais das mulheres e a educação feminina, abordada a relação entre passado, presente e futuro. Como afirma Rüsen (2010a), é pela narrativa histórica que o passado se torna presente, sempre em uma consciência de tempo, na qual passado, presente e futuro formam uma unidade integrada e constituem a consciência histórica.

Os jovens também, fizeram a relação do passado, presente e futuro, trazendo uma meditação sobre o ser mulher. Para eles, há o preconceito contra a mulher, devido a um

passado que ficou marcado (história do livro bíblico *Gênese*). Os jovens conseguiram inclusive exemplificar situações de preconceitos advindos do passado das mulheres, referindo-se a fatos de sua vida cotidiana; a mulher sendo vista com maus olhos por conta de uma história que não a favoreceu.

Além dessa concepção, identificamos o marcador identitário de gênero, no qual os jovens constroem representações diferenciadas a respeito do ser homem e do ser mulher. Através da narrativa fílmica, os jovens consideraram que, apenas ao homem cabia o poder de administrar os dinheiros. Veem a mulher investida do poder de ser mãe e esposa, sendo representada como um ser excluído, incapaz. Os jovens também fizeram o elo do passado das mulheres com o presente, afirmaram que as mulheres, hoje, têm oportunidades de ir para as escolas, contudo, devem continuar com a educação voltada para aspectos domésticos, devem fazer as “coisas de casa”

Os jovens também apontaram para o preconceito de gênero e a exclusão das mulheres, revelando representações e sentidos em relação ao ser mulher e ao ser homem no século XIX, perpassando o século XXI, na medida em que consideram que a mulher rica é “elegante”, “chamativa”, “reconhecida”, “cultura”, “mais rara”. Enquanto que, a mulher pobre, consideraram uma “periguete”, “galinha”, que dependendo das roupas que as mulheres utilizam pode torná-las elegantes ou vulgares.

Podemos dizer, então, que os filmes históricos, quando utilizados como recursos didáticos, contribuem de certa forma para a construção de um conhecimento histórico do aluno sobre os mais diversos temas, que o cinema consegue despertar nos alunos conhecimentos novos de uma época que eles não viveram.

Por tudo o que foi exposto anteriormente, depositamos aqui a necessidade de os professores utilizarem o cinema na sala de aula, visto que o filme possui valor de análise e, se utilizado como documento, ajuda na construção de um conhecimento histórico sobre os mais diversos temas. Por este motivo, o cinema pode ser uma ferramenta de apoio fundamental nas aulas, principalmente de História. O cinema, além de ser uma maneira prazerosa de o aluno aprender, é também uma forma de inovar a educação.

Referências

Blog do Chan. Disponível em: <<http://genaroblog.blogspot.com.br/2012/07/famosas-com-cintura-fina.html>>. Acesso em: 15 de jul. 2015.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud, av. São Paulo, v.5, n.11, abr. 1991.

CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

LOGNY, Michèle. O cinema como fonte histórica. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: Ed. UFBA; São Paulo: UNESP, 2009. p. 99-131.

Meu estilo. Disponível em: < <http://tatatosatt.blogspot.com.br/2011/12>>. Acesso em: 15 de jul. 2015.

ORGULHO e Preconceito. Direção: Joe Wright. Universal Home Vídeo 2005. Internet (127 min). Disponível em: <https://www.filmeseriesonline.gratis/orgulho-e-preconceito-dublado/> Acesso em: 14 jul. 2014.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **História da vida Privada: da revolução francesa à primeira guerra**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PERSUASÃO. Direção: Roger Michell. Sony Pictures Classics. Vídeo 1995. Duração: 107 min. Suporte: DVD.

RAZÃO e Sensibilidade. Direção: Ang Lee. Columbia Pictures. Vídeo 1995. Internet (115 min). Acesso em: 07 ago. 2015.

ROSENSTONE, Robert. Ver o passado. In: **A história nos filmes - os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 27-54.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora UnB, 2010b

_____. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora UnB, 2010a

SINÉZIO, Wandela Jheny Diniz. A história da educação feminina nos filmes que adaptam a obra de Jane Austen. In: **II ANAIS DO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU**, Campina Grande: Editora Realize, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_S A1_ID973_06092015172105.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. Educação, exclusão social e literatura feminina no século XIX: uma análise a partir da adaptação fílmica de Orgulho e preconceito, de Jane Austen. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO – CINTEDI**, Campina Grande: Editora Realize, 2014. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_2014_19_27_21_idinscrito_1803_be48265bbff21115b87dfd60e11a587e.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

ZARDINI, Adriana Sales. Identidade feminina na obra Orgulho e preconceito, de Jane Austen. **Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2014.